

O TEA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

ASD IN CONTEMPORARY SOCIETY



LUCIANA SERAPIÃO DOS SANTOS

Graduação Licenciatura Plena em Pedagogia pela Unitalo (2006); Professora de Educação Infantil no CEI Olga Benário Prestes, na Prefeitura Municipal de São Paulo.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir o Transtorno do Espectro Autista (TEA), abordando seus principais aspectos conceituais, características, causas, diagnóstico e formas de intervenção. Trata-se de uma condição do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento, manifestando-se de maneira heterogênea, o que justifica sua classificação como espectro. A pesquisa destaca a importância do diagnóstico precoce e da atuação de uma equipe multidisciplinar no desenvolvimento das habilidades da pessoa com autismo. Além disso, enfatiza o papel fundamental da família como agente de apoio e participação ativa no processo terapêutico e educacional. O artigo também discute a relevância da inclusão escolar e social, evidenciando a necessidade de práticas pedagógicas adaptadas e de políticas públicas que garantam os direitos das pessoas com TEA. Por fim, ressalta-se a importância da conscientização social, da formação de profissionais e do desenvolvimento de estratégias inclusivas que promovam a autonomia, a qualidade de vida e a participação plena dessas pessoas na sociedade.

Palavras-chave: Autismo; Transtorno do Espectro Autista; Inclusão; Educação Inclusiva; Desenvolvimento.

ABSTRACT

This article aims to discuss Autism Spectrum Disorder (ASD), addressing its key conceptual aspects, characteristics, causes, diagnosis, and forms of intervention. It is a neurodevelopmental condition affecting communication, social interaction, and behavior, manifesting in a heterogeneous manner—which justifies its classification as a spectrum. The research highlights the importance of early diagnosis and the involvement of a multidisciplinary team in developing the skills of individuals with autism. Furthermore, it emphasizes the fundamental role of the family as a source of support and an active participant in the therapeutic and educational process. The article also discusses the relevance of school and social inclusion, underscoring the need for adapted pedagogical practices and public policies that guarantee the rights of individuals with ASD. Finally, it highlights the importance of raising public awareness, training professionals, and developing inclusive strategies that promote autonomy, quality of life, and the full participation of these individuals in society.

Keywords: Autism; Autism Spectrum Disorder; Inclusion; Inclusive Education; Development.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem ganhado crescente visibilidade nas últimas décadas, tanto no campo científico quanto no contexto social e educacional. Caracterizado por alterações no desenvolvimento da comunicação, da interação social e por padrões de comportamento repetitivos e restritos, o autismo se apresenta de forma ampla e heterogênea, o que justifica a utilização do termo “espectro”. Essa diversidade de manifestações torna essencial a ampliação do conhecimento sobre o tema, visando promover práticas mais inclusivas e eficazes no atendimento às pessoas autistas.

A relevância do estudo do autismo está diretamente relacionada ao aumento dos diagnósticos e à necessidade de garantir direitos fundamentais, como acesso à educação de qualidade, atendimento especializado e inclusão social. Nesse contexto, torna-se imprescindível compreender não apenas os aspectos clínicos do TEA, mas também suas implicações no desenvolvimento humano, nas relações familiares e no ambiente escolar.

Além disso, discutir o autismo contribui para a desconstrução de preconceitos e estigmas historicamente associados à condição, favorecendo uma sociedade mais informada, empática e inclusiva. A educação desempenha um papel fundamental nesse processo, sendo um dos principais espaços de promoção do desenvolvimento e da autonomia das pessoas com TEA.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo abordar os principais aspectos relacionados ao Transtorno do Espectro Autista, incluindo suas características, diagnóstico, intervenções e os desafios enfrentados no contexto educacional e social. Pretende-se, assim, contribuir para a reflexão e ampliação de práticas que favoreçam a inclusão e o respeito à diversidade.

O CONCEITO DE AUTISMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é compreendido como uma condição do neurodesenvolvimento que afeta, principalmente, a comunicação, a interação social e o comportamento. Trata-se de um transtorno que se manifesta nos primeiros anos de vida e acompanha o indivíduo ao longo de todo o seu desenvolvimento, apresentando diferentes níveis de intensidade e necessidades de suporte.

De acordo com a American Psychiatric Association (2014), no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), o TEA é definido como um transtorno caracterizado por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, associados a padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Nesse sentido, o manual destaca que essas manifestações variam amplamente entre os indivíduos, reforçando a ideia de espectro.

Corroborando essa definição, a Organização Mundial da Saúde (2019), por meio da Classificação Internacional de Doenças (CID-11), reconhece o autismo como um transtorno do desenvolvimento que envolve dificuldades na compreensão e no uso da linguagem, além de limitações na reciprocidade social e comportamentos estereotipados. Assim, observa-se que tanto o DSM-5 quanto a CID-11 convergem na caracterização do TEA como uma condição complexa e multifacetada.

Historicamente, o conceito de autismo passou por diversas transformações. Inicialmente descrito por Leo Kanner, em 1943, o autismo era entendido como um distúrbio raro e associado a dificuldades emocionais. Segundo Kanner (1943), as crianças apresentavam um “isolamento extremo desde o início da vida e uma insistência obsessiva na manutenção da rotina”, o que evidenciava características hoje reconhecidas como centrais no diagnóstico do TEA.

Dessa forma, a compreensão atual do autismo amplia a visão inicial, reconhecendo-o como um espectro com múltiplas manifestações, o que exige abordagens diversificadas e individualizadas no campo educacional, clínico e social.

CARACTERÍSTICAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta um conjunto de características que variam em intensidade e forma de manifestação, o que torna cada indivíduo único dentro do espectro. Entre os principais aspectos observados, destacam-se os déficits na comunicação e na interação social, além de padrões de comportamento restritos e repetitivos.

No que se refere à comunicação, pessoas com TEA podem apresentar dificuldades tanto na linguagem verbal quanto na não verbal. Algumas podem não desenvolver a fala, enquanto outras utilizam a linguagem de maneira peculiar, com repetições, ecolalia ou dificuldades na compreensão de metáforas e expressões figuradas. Segundo Klin (2006), essas alterações na comunicação estão diretamente

relacionadas às dificuldades de interação social, uma vez que comprometem a troca de informações e a construção de vínculos.

Em relação à interação social, é comum observar dificuldades na reciprocidade emocional, na manutenção do contato visual e na compreensão de normas sociais implícitas. De acordo com Wing (1996), indivíduos com autismo podem apresentar limitações na chamada “tríade de prejuízos”, que envolve interação social, comunicação e imaginação, aspectos essenciais para o convívio social.

Outro ponto relevante são os comportamentos repetitivos e restritos, que podem incluir movimentos estereotipados, apego excessivo a rotinas, interesses intensos e específicos, além de resistência a mudanças. Essas características, conforme apontado por Gadia, Tuchman e Rotta (2004), podem funcionar como estratégias de organização interna diante de um mundo percebido como imprevisível.

Além disso, é importante destacar que o TEA é classificado em diferentes níveis de suporte (leve, moderado e severo), conforme a necessidade de apoio do indivíduo em suas atividades diárias. Essa classificação reforça a importância de uma avaliação individualizada, que considere as potencialidades e necessidades específicas de cada pessoa.

Dessa forma, compreender as características do autismo é fundamental para o desenvolvimento de práticas inclusivas e intervenções adequadas, tanto no contexto educacional quanto social, favorecendo a autonomia e a qualidade de vida das pessoas com TEA.

CAUSAS E FATORES DE RISCO DO ESPECTRO AUTISTA

As causas do Transtorno do Espectro Autista (TEA) ainda não são completamente conhecidas, sendo compreendidas atualmente como resultado da interação entre fatores genéticos e ambientais. Essa natureza multifatorial torna o estudo do autismo um campo complexo, que envolve diferentes áreas do conhecimento, como a genética, a neurologia e a psicologia do desenvolvimento.

Diversas pesquisas apontam que fatores genéticos exercem forte influência no desenvolvimento do TEA. De acordo com Geschwind (2009), estudos com gêmeos e famílias indicam uma alta herdabilidade do transtorno, sugerindo que múltiplos genes podem estar envolvidos na sua manifestação. Nesse sentido, alterações genéticas específicas podem afetar o funcionamento cerebral, especialmente em áreas relacionadas à comunicação e ao comportamento social.

Além dos fatores genéticos, aspectos ambientais também têm sido investigados como possíveis contribuintes para o desenvolvimento do autismo. Segundo Sandin et al. (2014), fatores como idade avançada dos pais, complicações durante a gestação e o parto, bem como exposição a substâncias tóxicas, podem aumentar o risco de ocorrência do TEA. No entanto, é importante destacar que esses

fatores não são determinantes isolados, mas sim elementos que, combinados com predisposições genéticas, podem influenciar o desenvolvimento do transtorno.

Outro ponto relevante é a necessidade de combater informações equivocadas que associam o autismo a causas sem comprovação científica, como a relação entre vacinas e o TEA. Conforme aponta a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019), não há evidências científicas que comprovem qualquer ligação entre a vacinação e o desenvolvimento do autismo, sendo essa uma informação fundamental para a promoção da saúde pública.

Dessa forma, compreende-se que o TEA resulta de uma complexa interação entre fatores biológicos e ambientais, o que reforça a importância de estudos contínuos na área. A ampliação do conhecimento sobre suas causas contribui não apenas para o diagnóstico mais preciso, mas também para o desenvolvimento de intervenções mais eficazes e baseadas em evidências.

DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um processo clínico complexo, baseado na observação do comportamento e no desenvolvimento da criança, uma vez que não existem exames laboratoriais específicos que confirmem a condição. A identificação precoce é fundamental, pois possibilita intervenções mais eficazes e contribui significativamente para o desenvolvimento global do indivíduo.

Os primeiros sinais do autismo geralmente surgem nos primeiros anos de vida, podendo incluir dificuldades no contato visual, ausência ou atraso na fala, pouca interação social, falta de resposta ao ser chamado pelo nome e comportamentos repetitivos. Segundo Zwaigenbaum et al. (2015), a observação desses sinais ainda na primeira infância permite um encaminhamento mais rápido para avaliação especializada, favorecendo melhores resultados no desenvolvimento.

O diagnóstico é realizado com base em critérios estabelecidos por manuais internacionais, como o DSM-5 e a CID-11, que consideram a presença de déficits persistentes na comunicação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento. De acordo com a American Psychiatric Association (2014), esses sinais devem estar presentes desde o início do desenvolvimento, ainda que possam se tornar mais evidentes com o aumento das demandas sociais.

Além disso, o processo diagnóstico envolve uma equipe multidisciplinar, composta por profissionais como médicos, psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais. Conforme Lord et al. (2020), a avaliação abrangente permite não apenas confirmar o diagnóstico, mas também identificar as necessidades específicas de cada indivíduo, orientando intervenções mais adequadas.

É importante destacar que o diagnóstico precoce não deve ser encarado como um rótulo, mas sim como uma ferramenta que possibilita o acesso a direitos, tratamentos e estratégias educacionais que favoreçam o desenvolvimento e a inclusão. Nesse sentido, quanto mais cedo o TEA for identificado, maiores serão as chances de promover autonomia, qualidade de vida e participação social da pessoa autista.

INTERVENÇÕES E TRATAMENTO

As intervenções e tratamentos voltados ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) têm como principal objetivo promover o desenvolvimento das habilidades sociais, comunicativas, cognitivas e comportamentais, respeitando as particularidades de cada indivíduo. Considerando a heterogeneidade do espectro, é fundamental que as abordagens sejam individualizadas e baseadas em evidências científicas.

Entre as intervenções mais utilizadas, destaca-se a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), que se fundamenta em princípios da psicologia comportamental e busca ensinar novas habilidades por meio de reforços positivos. Segundo Cooper, Heron e Heward (2007), a ABA tem se mostrado eficaz na promoção de comportamentos adaptativos e na redução de comportamentos considerados inadequados, contribuindo significativamente para o desenvolvimento de pessoas com TEA.

Outra abordagem relevante é o programa TEACCH (Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children), que enfatiza a estruturação do ambiente e o uso de recursos visuais como forma de facilitar a compreensão e a autonomia do indivíduo. De acordo com Mesibov, Shea e Schopler (2005), essa metodologia auxilia na organização das atividades diárias, promovendo maior previsibilidade e segurança.

Além das intervenções comportamentais e educacionais, terapias complementares também desempenham papel essencial no desenvolvimento da pessoa com autismo. A fonoaudiologia contribui para o desenvolvimento da comunicação, enquanto a terapia ocupacional auxilia na autonomia e nas habilidades do cotidiano. Conforme Dawson et al. (2010), a atuação integrada de diferentes profissionais potencializa os resultados das intervenções.

Em alguns casos, o uso de medicação pode ser indicado para tratar sintomas associados, como ansiedade, hiperatividade ou irritabilidade. No entanto, conforme ressaltam Gadia, Tuchman e Rotta (2004), o uso de medicamentos não trata o autismo em si, devendo ser utilizado com cautela e sempre acompanhado por profissionais especializados.

Dessa forma, o tratamento do TEA deve ser compreendido como um processo contínuo e multidisciplinar, que envolve não apenas profissionais da saúde e da educação, mas também a participação ativa da família. A combinação de diferentes estratégias, aliada ao diagnóstico precoce, é

fundamental para promover o desenvolvimento integral, a autonomia e a qualidade de vida das pessoas com autismo.

O PAPEL DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DO TEA

A família desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo um dos principais pilares de apoio emocional, social e educacional. Desde o momento do diagnóstico, os familiares passam por um processo de adaptação que envolve compreender a condição, buscar informações e reorganizar a dinâmica familiar para atender às necessidades do indivíduo.

O envolvimento da família nas intervenções é essencial para o progresso da pessoa com autismo. Segundo Sprovieri e Assumpção Jr. (2001), quando os familiares participam ativamente das terapias e aplicam estratégias no cotidiano, há uma maior continuidade no processo de aprendizagem, favorecendo o desenvolvimento de habilidades sociais, comunicativas e comportamentais. Dessa forma, o ambiente familiar torna-se um espaço significativo de estímulo e acolhimento.

Além disso, o suporte emocional oferecido pela família contribui para o fortalecimento da autoestima e da segurança da pessoa com TEA. Conforme aponta Schmidt (2013), o vínculo afetivo estabelecido entre a criança e seus cuidadores é determinante para o desenvolvimento emocional, influenciando diretamente na forma como ela interage com o mundo ao seu redor.

Entretanto, é importante reconhecer que as famílias também enfrentam diversos desafios, como o acesso limitado a serviços especializados, o preconceito social e a sobrecarga emocional e financeira. Nesse contexto, o apoio de profissionais e redes de suporte torna-se indispensável para auxiliar os familiares no enfrentamento dessas dificuldades.

Dessa forma, a família não apenas acompanha o desenvolvimento da pessoa com autismo, mas atua como agente ativo nesse processo. O fortalecimento desse núcleo, aliado ao acesso à informação e ao suporte adequado, é essencial para promover a inclusão, a autonomia e a qualidade de vida das pessoas com TEA.

INCLUSÃO ESCOLAR E SOCIAL

A inclusão escolar e social das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) constitui um direito fundamental e um desafio constante para a sociedade contemporânea. No contexto educacional, a inclusão vai além da simples inserção do aluno com autismo na escola regular, exigindo a adaptação de práticas pedagógicas, a formação de professores e a construção de um ambiente acolhedor e acessível.

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008), todos os alunos têm direito de frequentar a escola regular, sendo responsabilidade da

instituição garantir condições adequadas para sua aprendizagem e participação. Nesse sentido, a escola deve promover estratégias que respeitem as particularidades do estudante com TEA, considerando suas necessidades específicas.

Entre as principais adaptações pedagógicas, destacam-se o uso de recursos visuais, a organização da rotina, a mediação das interações sociais e a flexibilização curricular. Segundo Mantoan (2003), a inclusão escolar implica a transformação do sistema educacional, de modo que este se torne capaz de atender à diversidade dos alunos, superando práticas excludentes e homogêneas.

Além do ambiente escolar, a inclusão social também envolve a participação da pessoa com autismo em diferentes espaços da sociedade, como atividades culturais, esportivas e de lazer. Conforme Sassaki (1997), a inclusão social é um processo que visa garantir a igualdade de oportunidades, permitindo que todas as pessoas participem plenamente da vida em comunidade.

Entretanto, apesar dos avanços nas políticas públicas, ainda existem desafios significativos, como a falta de preparo de alguns profissionais, a escassez de recursos e o preconceito social. Dessa forma, torna-se fundamental investir em formação continuada, conscientização da sociedade e fortalecimento de políticas inclusivas.

Assim, a inclusão escolar e social da pessoa com TEA deve ser compreendida como um compromisso coletivo, que envolve a escola, a família e a sociedade. Promover a inclusão é reconhecer a diversidade humana e garantir o direito de todos à educação, à convivência e ao pleno desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou abordar o Transtorno do Espectro Autista (TEA) a partir de uma perspectiva ampla, contemplando seus principais aspectos, como conceito, características, causas, diagnóstico, intervenções, além do papel da família e da inclusão escolar e social. Ao longo da discussão, evidenciou-se que o autismo é uma condição complexa e multifacetada, que exige compreensão, respeito e estratégias específicas para o desenvolvimento integral da pessoa.

Destacou-se a importância do diagnóstico precoce e das intervenções adequadas, uma vez que esses fatores contribuem significativamente para o desenvolvimento de habilidades e para a melhoria da qualidade de vida das pessoas com TEA. Nesse contexto, a atuação de uma equipe multidisciplinar, aliada à participação ativa da família, mostra-se essencial para potencializar os resultados das intervenções.

Além disso, a inclusão escolar e social foi apresentada como um direito fundamental, que deve ser garantido por meio de práticas pedagógicas adaptadas, políticas públicas eficazes e ações que promovam a conscientização da sociedade. A construção de um ambiente inclusivo depende do

compromisso coletivo em reconhecer e valorizar as diferenças, superando preconceitos e barreiras ainda existentes.

Por fim, ressalta-se a necessidade de ampliação de estudos e investimentos na área do autismo, bem como a formação continuada de profissionais da educação e da saúde. Somente por meio do conhecimento, da empatia e de políticas inclusivas será possível promover uma sociedade mais justa, na qual as pessoas com TEA tenham assegurados seus direitos, sua autonomia e sua plena participação social.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2008.
- COOPER, John O.; HERON, Timothy E.; HEWARD, William L. **Applied behavior analysis**. 2. ed. Upper Saddle River: Pearson, 2007.
- DAWSON, Geraldine et al. **Randomized, controlled trial of an intervention for toddlers with autism: the Early Start Denver Model**. *Pediatrics*, v. 125, n. 1, p. e17–e23, 2010.
- GADIA, Carlos A.; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra Tellechea. **Autismo e doenças invasivas do desenvolvimento**. *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, v. 80, n. 2, p. 83–94, 2004.
- LORD, Catherine et al. **Autism spectrum disorder**. *Nature Reviews Disease Primers*, v. 6, n. 5, 2020.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.
- MESIBOV, Gary B.; SHEA, Victoria; SCHOPLER, Eric. **The TEACCH approach to autism spectrum disorders**. New York: Springer, 2005.
- SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- SCHMIDT, Carlo. **Autismo, educação e inclusão: desafios contemporâneos**. Porto Alegre: Mediação, 2013.
- SPROVIERI, Maria Helena S.; ASSUMPÇÃO JR., Francisco Baptista. **Autismo infantil: diagnóstico e tratamento**. São Paulo: Memnon, 2001.
- ZWAIGENBAUM, Lonnie et al. **Early screening of autism spectrum disorder: recommendations for practice and research**. *Pediatrics*, v. 136, Suplemento 1, p. S41–S59, 2015.